

Memória, educação e empoderamento: implicações políticas na constituição do Memorial Escolar Padre Carlos, em Poços de Caldas (MG)

LILIAN DE CÁSSIA ALVISI

Doutora em Educação (FE-Unicamp), professora das Faculdades Metrocamp e orientadora pedagógica da Prefeitura Municipal de Campinas

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir as implicações políticas no processo de organização de um memorial escolar, o que gerou um movimento de empoderamento de diferentes indivíduos ou mesmo de grupos de uma determinada comunidade. As relações entre memória compartilhada, resistência política e empoderamento foram abordadas buscando promover debates sobre a iniciativa de organização de um memorial escolar, executada por um grupo atuante e representativo da comunidade local e com ação efetiva dos pesquisadores e técnicos do Centro de Memória/ Unicamp.

Palavras-chave: Memória.
Empoderamento. Resistência política

ABSTRACT

This article aimed to discuss the political implications in the organization process of a school memorial, which resulted in a movement of *empowerment* of different persons members of popular groups or of the school community. The relations between shared memory, political resistance and *empowerment*, were observed during this research. Debates were promoted about the initiative of creating a school memorial, which was started and is being run by an important and representative group of the local community, with the scientific and technical support of historians and technicians from CMU/Unicamp.

Key words: Memory. Empowerment.
Political resistance

“A memória tem como um dos atributos permitir que o processo de identidade seja realizado entre iguais. A memória, portanto, não pode ser entendida como um relicário, mas sim, como lugar do imaginário e da reconstrução da nossa condição de seres históricos.”

(DONATELLI, 1996)

O processo de formação do Memorial Padre Carlos, pertencente à Escola Profissional Dom Bosco (EPDB), localizada em Poços de Caldas (MG), traz elementos significativos para a compreensão das implicações políticas de um movimento promovido por um significativo grupo que é representativo de uma das comunidades mais atuantes da cidade mineira. No sentido de garantir que o significado da trajetória da EPDB não se perdesse com o passar do tempo, evitando dessa forma que sua proposta original de educação profissionalizante fosse enfraquecida, houve uma mobilização por parte de diferentes segmentos da população para a organização de um lugar de memória dessa instituição escolar. A organização de um espaço destinado à memória de vivências escolares contou com uma pesquisa realizada de acordo com uma estratégia defensiva, em função de um objetivo de contestação. Desroche (2006) enfatiza que a escolha por esse tipo de pesquisa passa pela ousadia dos atores envolvidos em assumirem riscos, uma vez que as ações realizadas frente aos problemas definidos pelo grupo, à procura de soluções criativas, são muitas vezes imprevisíveis.

Dessa maneira os atores nela envolvidos foram sempre levados em consideração, tanto em relação às suas atitudes, quanto na sua capacidade de agir ou de tomar decisões, mas também quanto aos aspectos significativos que precisavam ser investigados para escolher, conceber, difundir ou avaliar determinadas ações.

Para a compreensão dos motivos que levaram à organização de um memorial escolar, era necessário contextualizar o fato no cenário de Poços de Caldas na época da fundação da escola, ou seja, na década de 1940. Constatamos um momento de profundas mudanças estruturais enfrentado pela cidade que se voltava prioritariamente para a industrialização, visto que, até então, sua organização econômica esteve baseada no turismo e na agropecuária.

Como característica comum a algumas estâncias hidrominerais do estado de Minas Gerais, durante os anos de 1911 a 1946, Poços de Caldas recebia nesse período um grande fluxo de turistas atraídos pelo valor medicinal de suas águas termais e pela intensificação dos jogos de azar, realizados em seus cassinos.

As informações veiculadas pela imprensa sugeriam que em Poços de Caldas reinava uma completa harmonia entre os habitantes, a administração pública e os visitantes. Entretanto, turistas e população local constituíam mundos diferentes que, apesar de interdependentes economicamente, configuravam-se em atividades muito diversas e estanques.

O escritor João do Rio atestou em uma de suas crônicas:

“Poços é uma cidade linda, de clima agradável e tudo mais. Mas pode ser definida como a cidade dos garotos – que ficam à espera da sopa dos hotéis – dos cavalos magros – os que puxam as charretes – e das crianças maltrapilhas- que aprendem o que não se deve com os turistas”. (JOÃO DO RIO, 1992: 100)

O turismo influenciou a rotina da vida de muitas crianças, seja para participarem ativamente das recepções oferecidas aos visitantes, seja para esperarem dos turistas o reconhecimento por serviços prestados, ou ainda para exercerem algum outro tipo de trabalho.

Com a proibição dos jogos de azar no país, em 1946, e a efetivação do dispositivo legal do Código Penal que os classificava como contravenção, a cidade passou por uma abrupta e profunda transformação da sua base econômico-produtiva. A indústria, que, até então representava no contexto econômico uma atividade de pouca expressão, impelida pelo comércio desenvolvido graças às atividades turísticas, pela expansão das comunicações rodoviárias e pelos investimentos vindos da produção agropecuária, começou a tomar vulto, compensando assim a repentina queda do fluxo de visitantes, resultante do fim das atividades dos cassinos.

Nesse contexto municipal de mudanças, houve um agravamento das condições de vida das camadas populares, devido à escassa oferta de empregos, deflagrada com o fechamento das casas de jogos. O desemprego decor-

1 - A expressão "em situação de rua" foi utilizada para abarcar a multiplicidade de condições, quando se trata de crianças e jovens que buscam nas ruas recursos para sobrevivência acentuando um processo de exclusão social, econômica e política.

2 - Pressupostos educativos de Dom Bosco: disciplina preventiva, vigilância, ordem, trabalho e religião. Sobre o assunto, consultar: SCARAMUSA, Tarcísio. O Sistema Preventivo de Dom Bosco: um Estilo de Educação. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1984.

3 - Sobre esse assunto consultar: ALVISI, 2006.

4 - Clero secular: o clérigo atua mais independente e responde diretamente ao arcebispo de uma Diocese. Clero regular: sacerdotes ordenados ou irmãos religiosos não ordenados possuem a obrigação de viver em uma comunidade.

rente do término das atividades dos cassinos somente veio agravar as condições já existentes, pois o exercício de subempregos definia o sustento de muitas famílias.

A Escola Profissional Dom Bosco foi idealizada pelos fundadores Padre Carlos Henrique Neto e pela arte-educadora Maria Aparecida Figueiredo nesse momento de crise em que parcelas significativas da população enfrentavam sérios problemas de sobrevivência. Com o objetivo de envolver meninos em situação de rua [1] oferecendo-lhes uma formação em sintonia com o novo cenário que a crise apontava, organizaram oficinas profissionalizantes configurando um projeto educativo pautado nos pressupostos de São João Dom Bosco. [2] O projeto político pedagógico proposto centrou-se em uma educação que articulasse religião, trabalho, ciência e arte. O cotidiano escolar, além da formação regular, foi preenchido por aulas e oficinas realizadas num segundo período enfocando cultura geral, teatro, música, esporte e cinema, além de atividades artesanais com caráter profissionalizante.

A fundação da escola e a expansão dos cursos profissionalizantes decorrentes das primeiras décadas de seu funcionamento coincidiram com um período que, segundo Mello, (1998) representou para a economia brasileira um momento decisivo no processo de industrialização, com a instalação de setores tecnologicamente mais avançados, migrações internas e urbanização acirrada. [3]

A projeção da EPDB no cenário da educação profissionalizante, tanto ao nível municipal quanto regional, fez-se notável. Padre Carlos representou uma liderança local e regional no que diz respeito à educação profissionalizante escolarizada destinada aos grupos populares. Ele conquistou o apoio de uma parte da elite agrária e industrial, obteve, também, aceitação do poder público. A partir das alianças conquistadas no cenário local, foi promovida uma interlocução com diversas instituições governamentais. Como padre secular, [4] teve certa flexibilidade para transitar em diferentes instâncias, comunicando-se insistentemente com órgãos ou mesmo com pessoas públicas tanto para a divulgação de suas propostas político-pedagógicas, quanto para solicitar apoio para a ampliação da escola. Isso proporcionou visibilidade ao trabalho que desenvolvia. [5]

As práticas pedagógicas instituídas pela EPDB foram aceitas pela co-

munidade, como demonstram os apoios recebidos por parte de diferentes segmentos sociais ao longo de sua história, talvez porque o mundo do trabalho constituiu-se no centro das atividades pedagógicas. As propostas político-pedagógicas da EPDB foram bem aceitas e puderam se consolidar porque, durante a fase de sua criação e desenvolvimento, realizava-se tanto em âmbito federal como em nível estadual uma ampla discussão de propostas educacionais que levassem em conta as necessidades da industrialização brasileira, então em fase de implantação. Foram certamente a preocupação da EPDB com as características individuais dos alunos, expressa na possibilidade de escolha das atividades que cada um deles realizaria nas oficinas, além de uma ênfase significativa em uma formação educacional que articulasse os aspectos físico, moral e intelectual, permitindo assim que os alunos egressos da escola enfrentassem com sucesso o mundo do trabalho, os fatores constituintes do diferencial qualitativo dessa instituição escolar.

O projeto pedagógico da EPDB propunha o envolvimento das famílias e dos membros do bairro e da cidade nas atividades desenvolvidas. As reuniões constituíram-se em palco para discussões e encontros entre moradores pertencentes aos grupos de trabalhadores de Poços de Caldas. Os fundadores da escola, professores e coordenadores socializavam suas conquistas, lutas, conflitos e dificuldades com a população que, em diferentes momentos, foi chamada de fato para consulta e apoio seguro para tomada de decisões. A EPDB, ao longo de sua história, contribuiu significativamente para a formação de grande parte dos trabalhadores especializados de Poços de Caldas, configurando-se como uma instituição representante dos anseios de indivíduos pertencentes à classe trabalhadora. (ALVISI, 2006)

Vale também ressaltar que Padre Carlos, tendo em vista sua proposta ousada de oferecer uma educação de qualidade aos filhos de famílias da classe trabalhadora, foi muito questionado por parte da elite local conservadora e por membros do clero que, de certa forma, contestavam suas atitudes inovadoras. [6]

Em 2002, com o falecimento de Padre Carlos, ocorrido dez anos após a morte da co-fundadora a professora Maria Aparecida Figueiredo, houve uma grande mobilização da comunidade escolar, que se mostrou favorável à recuperação, preservação e divulgação da história dessa instituição escolar.

juntamente com outros religiosos, subordinados a um superior. Sobre esse assunto consultar: MESCHIATTI, José Eduardo. "Sonho de moral - Presença salesiana em Campinas". Campinas: Faculdade de Educação/Unicamp, 2000 (Dissertação de mestrado).

5 - O fundador da EPDB manteve diálogo constante com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, com a Universidade do Trabalho de Minas Gerais e com a Fundação do Bem Estado ao Menor. Participou do Conselho Estadual de Educação na discussão de projetos relacionados à educação profissionalizante.

6 - A esse respeito consultar: CAMPOS, Roberto. A Lanterna na Popa: Memórias. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.

Como acordado com a Cúria da Igreja Católica, os salesianos estariam presentes nas atividades escolares, devido à proximidade da proposta pedagógica da escola com as diretrizes educacionais preconizadas por São João Dom Bosco. Mas nesse processo não ficaram claras as divisões de poder na nova configuração da instituição, gerando na comunidade local incertezas quanto aos novos rumos da escola, pois os estabelecimentos mantidos pelos Salesianos não apresentam exatamente as mesmas características da Escola Profissional Dom Bosco de Poços de Caldas, uma instituição destinada aos filhos de famílias de classes sociais menos favorecidas. [7]

7 - Verificar:
GENTILINI, 1997.

O acordo firmado entre a Fundação de Assistência ao Menor (FAM), entidade mantenedora da EPDB, e a Cúria da Igreja Católica determinava que os Salesianos de Minas Gerais deveriam se inserir efetivamente nas atividades escolares, primeiramente atuando no campo do ensino religioso e, nos anos seguintes, assumindo outras responsabilidades, caso fosse constatada algum nível de inoperância administrativa e/ou educativa por parte da atual direção da escola.

Diante dessas novas determinações, surgiu uma atitude de resistência por parte de alguns membros, tanto da comunidade escolar como da população local, frente a uma possível ingerência administrativa nos assuntos políticos e pedagógicos da EPDB, uma vez que a instituição foi marcada, desde sua fundação, pelo caráter autônomo de sua equipe gestora.

A mobilização de integrantes da comunidade e a escolha de diferentes táticas de resistência, na tentativa de manter o papel educativo e autônomo da escola como uma instituição sempre voltada para os grupos populares, foram determinantes para a consolidação de um projeto de recuperação e de preservação da história da EPDB utilizando a memória como uma ferramenta de luta política. O movimento de resistência, organizado por um determinado grupo social, aconteceu por existirem inúmeras redes tanto de lugares como de relações que se configuraram a partir de interesses e expectativas da comunidade envolvida. Tornava-se relevante para essa pesquisa descobrir os procedimentos, as bases, os efeitos e as possibilidades de ação consideradas como maneiras que o grupo encontrou para o seu 'fazer' reativo. Forma-se, por assim dizer, uma ação preparatória, em resposta a uma possível situação indesejada. (CERTEAU, 1994)

Inicialmente, houve por parte da direção da escola uma mobilização com o objetivo de definir estratégias que possibilitassem a recuperação e a preservação da história da Escola Profissional Dom Bosco. Para tanto, foi criada uma Comissão de Implantação do Memorial Padre Carlos, com representantes de diferentes segmentos da população da cidade de Poços de Caldas. [8]

Os debates aconteceram sempre em reuniões gerais e diante dos impasses, das dificuldades e das expectativas, o grupo foi criando suas 'maneiras de fazer'. Tornou-se necessária uma combinação de ações para o enfrentamento de ordens impostas, instaurando-se uma sequência de atitudes criativas e plurais.

Como resultado dos primeiros encontros entre diferentes segmentos da comunidade local tornou-se relevante a discussão de uma política de preservação de documentos para definição dos critérios de seleção e caracterização dos acervos documentais que registrassem, preservassem e divulgassem a história da instituição.

A partir do reconhecimento da importância da constituição de uma 'mentalidade de preservação documental' na comunidade, o Centro de Memória da Unicamp (CMU) foi acionado, devido à necessidade de orientações teóricas e técnicas para o enfrentamento de tal desafio. Nesse sentido, foi concretizado um convênio entre Fundação de Assistência ao Menor (FAM), entidade mantenedora da escola, e a Universidade Estadual de Campinas. [9]

Fernandes (2004) observa que a organização de arquivos escolares e suas consequentes propostas de reconstrução do passado não deverão restringir-se à simples exposição dos objetos históricos que estão sob guarda de instituições-memória. Os grupos de trabalho que se formam, a partir dessas iniciativas, poderão ser capazes de possibilitar à comunidade envolvida leituras críticas do vivido.

Nesse sentido, o CMU buscou, prioritariamente, organizar e formar uma equipe que pudesse transmitir os conhecimentos pertinentes a uma política de conservação documental a diferentes segmentos da população da cidade de Poços de Caldas.

Desde 2003, especialistas e pesquisadores do CMU organizaram e promoveram junto aos membros da comunidade escolar oficinas, exposições,

8 - Segmentos da comunidade presentes: pais, professores, coordenadores, diretores, funcionários atuais e antigos, representantes da Secretaria de Educação, Divisão de Cultura, Direção do Museu Histórico e Geográfico, membros do Conselho de Patrimônio Histórico, profissionais da área de engenharia e arquitetura, vinculados aos projetos de recuperação da história da cidade, e representantes de empresas que em momentos distintos atuaram e apoiaram a implantação e o funcionamento dos cursos profissionalizantes. Comissão composta pelas seguintes coordenadorias: Geral, Jurídica, Administrativa, Física e Patrimonial, Pedagógica, Cultural e Técnica.

9 - Subprojetos foram definidos pelo CMU com o objetivo de contemplar a organização do acervo histórico: I - documentos

textuais; II - reorganização e modernização da biblioteca e objetos; III - organização da Casa Museu; IV - conservação e preservação dos livros, manuscritos e impressos; V - organização da documentação iconográfica e VI - organização do banco de história oral. Profissionais vinculados ao CMU: I - Fernando Antonio Abrahão; II e III - Rosaelena Scarpelino; IV - Mirdza Cristine Sichmann; V - Cássia Denise Gonçalves e Marli A. Marcondes; VI - Lillian de Cássia Alvisi. A coordenação Geral esteve sob responsabilidade da Profa. Dra. Olga Rodrigues de Moraes von Simson.

seminários e palestras com o propósito de nortear a atuação dos profissionais locais encarregados da organização dos documentos pertencentes ao arquivo histórico da instituição. Diferentes suportes da memória entendidos em uma concepção ampliada, ou seja, envolvendo os mais diferentes registros (orais, textuais, iconográficos, musicais e de realia) foram recuperados, catalogados e arquivados, segundo suas especificidades.

A organização do acervo documental deu-se a partir de reflexões e de tomadas de atitudes que configuraram uma pesquisa-ação em que os atores e autores se encontraram reciprocamente implicados: os atores na pesquisa e os autores na ação.

A equipe de pesquisadores buscou, a todo o momento, a construção de uma relação transparente com os membros da comunidade envolvida. Quando as relações entre os indivíduos e o grupo social são aprofundadas, estabelece-se um compromisso e também um grau de responsabilidade entre os segmentos participantes. Dessa forma, a relação dialógica, que se configura na medida em que caminham juntos pesquisadores e atores sociais, possibilita a interação entre pesquisa científica e prática social. (DESROCHE, 2006)

As escolhas das ações a serem desenvolvidas para reconstruir a memória da instituição educacional foram discutidas em grandes seminários ou em reuniões setorizadas. Elas se faziam necessárias para a definição precisa das ações coletivas que deveriam ser tomadas visando à definição dos objetivos, ao diagnóstico dos obstáculos a serem enfrentados e, devido a uma tomada de consciência do grupo tendo em vista o problema detectado, quais seriam os conhecimentos exigidos para a resolução das dificuldades encontradas.

Como observa Felgueiras (2005), recuperar a complexidade do passado da escola, entendido como resultado da ação de diferentes atores sociais, implica em um trabalho de elaboração e procura de fontes que não estão somente contidas nos arquivos, mas também com as pessoas. Cabe ao pesquisador desenvolver estratégias para provocar e despertar recordações e lembranças, seja coletando materiais e objetos pessoais (que podem ser doados ou copiados), mas também pedindo auxílio aos atores sociais para interpretar essas e outras marcas do passado escolar.

Portanto, ao recuperar a trajetória histórica desta instituição, envolven-

do a sistematização de um acervo documental e sua relação com diferentes atores, pudemos possibilitar uma discussão que permitiu questionar paradigmas e realizações da educação, tanto no presente, como no passado. Uma ou mais histórias podem ser desveladas, lembradas e, sendo revividas, atualizadas.

Documentos históricos colocados à disposição para a realização do trabalho com a memória possibilitaram uma transformação da consciência das pessoas que se achavam direta ou indiretamente envolvidas nas experiências passadas. Assim, além de contribuir para a compreensão do valor do documento na reconstrução da história do tempo presente da comunidade local, a pesquisa engendrou novas maneiras de, ao mergulhar para recuperar e conservar os fragmentos do passado, conduzir a comunidade escolar a uma melhor compreensão dos problemas do presente para assim pensar, em bases mais sólidas e realistas, suas futuras ações. (SIMSON, 2003)

Torna-se pertinente ressaltar que essa investigação nos mostrou que os trabalhos de pesquisa e conservação da documentação escolar contribuem para a reconstrução da trajetória sócio-histórica de uma instituição escolar. Eles precisam, entretanto, estar necessariamente articulados à trajetória da própria comunidade que é atendida pela escola e razão de sua existência. O contato das pessoas com os documentos trouxe à tona vivências passadas, pois estes funcionaram como detonadores do processo de rememoração e as interpretações dos mesmos vão sendo delineadas ao longo desse processo pois, nos termos de Donatelli

“(...) os documentos estão nas experiências de quem as relata, nos espaços que ocupamos, nos lugares que não podíamos frequentar, na natureza um dia existente e hoje ausente. A palavra, o dizer, torna-se então, referendo documentado e o olhar, a sua legitimação”. (1996: 105)

Vilanova (2003) ressalta que a memória individual refere-se aos objetivos que nós fixamos de maneira única e ao juízo que elaboramos sobre nós mesmos. No entanto, essas experiências solitárias remetem-nos muitas vezes aos grupos dos quais fizemos parte. Ao encontramos parceiros para o re-

conhecimento conjunto de nosso passado, nossas lembranças passam a ser entendidas como parte de um movimento coletivo. Dessa forma a memória representa, ao mesmo tempo, a trama das identidades tanto individual como coletiva.

Quando determinado sujeito focaliza suas memórias pessoais pode delinear também uma visão das várias etapas da trajetória do grupo social a que pertence. As memórias que correspondem às versões do passado dos grupos que tiveram muitas vezes suas experiências e vivências silenciadas e marginalizadas pela história oficial, são consideradas como memórias subterrâneas ou marginais. (SIMSON, 2006)

O trabalho que foi realizado rumo à organização do Memorial Padre Carlos procurou considerar as memórias subterrâneas na sua interação com a memória coletiva. No processo de sistematização do acervo, envolvendo sua conservação, preservação, catalogação e divulgação, valorizou-se a recolha de informações orais que os atores atribuíram aos documentos. A participação ativa e colaborativa de professores aposentados, de ex e atuais alunos, de funcionários e de membros da sociedade civil permitiu o registro de diferentes recordações e histórias de vida, seja via coleta de depoimentos orais, seja nos processos de identificação de personagens em fotos antigas ou de objetos e suas histórias.

As diferentes atividades que foram realizadas em parceria com os especialistas e pesquisadores do CMU podem nos indicar que o processo de implantação de um memorial escolar nos leva a conceber este lugar de memória como um espaço de diálogo entre memórias diversas, de modo a reconhecer a alteridade e a reforçar a(s) identidade(s) de diferentes grupos envolvidos na trajetória dessa instituição escolar. [10]

“A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser compreendidas como essências de uma pessoa ou de um grupo”. (POLLACK, 1992: 204)

10 - O apoio necessário para concretização desse convênio surgiu de diferentes instituições públicas e privadas, devido aos seus investimentos anteriores na formação e manutenção de cursos profissionalizantes oferecidos pela escola, atendendo à demanda de formação de trabalhadores especializados.

Para Donatelli, (1996:104) a memória não se constitui em um fim para se chegar ao passado, mas sim um meio de alcançá-lo. A memória nos instrumentaliza com um recurso para a recomposição do passado. O tempo remoto pode ser entendido não como absoluto, mas como um lugar de subjetividade e subjetivação que se desenvolve lenta e gradualmente, conforme as nossas condições pessoais, emocionais e humanas. Nas suas palavras:

“O tempo assume para cada um de nós um caráter individualizado, medido e percebido somente por nós. Esta apropriação do tempo físico e sua transformação em tempo humano, histórico, presentificam em cada um de nós, mesmo que não saibamos ou não percebamos, a sua existência”.

Segundo Ferreira (1995), cultura é memória, pois é a cultura de uma sociedade que fornece elementos através dos quais os indivíduos selecionam o que deve ser esquecido ou o que deve ser guardado pela memória. Portanto, a definição da documentação a ser preservada foi discutida coletivamente e refletiu os interesses dos grupos em questão. Para exemplificar o movimento coletivo de organização do Memorial algumas exposições já foram organizadas, com ampla participação dos próprios atores que vivenciaram as atividades escolares em tempos passados, demonstrando o interesse da equipe em divulgar para a comunidade experiências escolares marcantes. [11]

A construção da memória compartilhada foi possível a partir de um movimento de aproximação entre os pesquisadores e o grupo instituidor do memorial, visando à construção de uma análise coletiva. Buscou-se assim possibilitar uma participação ativa dos integrantes da comunidade escolar, que não foram vistos somente como espectadores de um processo de reconstituição da história do tempo presente.

Esse movimento que envolve a recuperação de memórias subterrâneas em um processo de ampla discussão com os integrantes dos grupos participantes e com intensa atuação de pesquisadores pode provocar, segundo um dos precursores da História Oral, o sociólogo francês Desroche (2006), resultados surpreendentes e inesperados.

No período de 2003 a 2008, alguns representantes da Congregação

11 - Exposição de Fotografias. 'Padre Carlos e os Anjos de Cara Suja' em (2003); Exposições de objetos e documentos: 'Louças produzidas pelos alunos nas oficinas artesanais - 1940 - 1960' em (2004); 'Lançando Sementes' em 2005, 'Escola Dom Bosco - ontem e hoje' em 2006 e 'Coleção de selos' em 2007.

dos Salesianos estiveram presentes nas atividades da EPDB, conforme determinação da Cúria da Igreja Católica. Entretanto, após algumas tentativas de implementação da sua proposta educativa, que apresentava nítidas características centralizadoras e não conseguindo nenhuma sintonia com os docentes da EPDB, pois estes estavam envolvidos inteiramente com o projeto político pedagógico da escola, as autoridades da Ordem Salesiana decidiram pela saída dos seus representantes do cotidiano da EPDB com a seguinte alegação, expressa em uma correspondência enviada pelo Conselho Inspetorial São João Bosco ao Bispo Diocesano:

“E estamos convictos de que a permanência da filosofia de trabalho, não dependeu da presença dos salesianos(...) O momento atual da Inspeção não nos permite mantermos salesianos nesta obra. Esta caminhada com segurança de acordo com o carisma de seu fundador Padre Carlos”. [12]

12 - Correspondência enviada em outubro de 2008.a.

O reconhecimento explícito da importância do trabalho desenvolvido pela escola desde os tempos em que Padre Carlos e Dona Maria dirigiam as atividades direcionadas aos grupos populares e a constatação da manutenção desses mesmos objetivos pela direção atual, parecem ter influenciado a decisão da não permanência dos padres salesianos. Portanto, o que pudemos constatar foi a incompatibilidade entre as posturas educativas dos salesianos com o projeto político pedagógico adotado pela EPDB, ao longo de sua história. O valor atribuído ao carisma do fundador da escola, Padre Carlos Henrique Neto, anunciado pelo inspetor da Ordem Salesiana como sendo o motivo principal da não necessidade da permanência destes em Poços de Caldas, nos leva a pensar sobre a importância do trabalho desenvolvido pelo Memorial que se valeu da memória construída e vivenciada pela comunidade escolar como uma estratégia de luta política. Como dito anteriormente, a ideia de organização do Memorial Padre Carlos surgiu da comunidade que, empenhada na preservação das propostas originais da escola, se valeu da memória compartilhada para afirmar seu compromisso com as classes populares locais.

Levando-se em consideração a recuperação da memória como possi-

bilidade de resistência política conforme esse exemplo aqui estudado, podemos analisar o que Keer (2006) denomina como processo de 'empoderamento', uma vez que os moradores desse bairro popular de Poços de Caldas apropriando-se da sua história de lutas e de conquistas foram capazes de organizar táticas para buscar a resolução dos problemas surgidos com a morte dos fundadores da EPDB.

Durante todo o processo de coleta dos depoimentos orais esteve presente a coordenadora da escola que, ao acompanhar a identificação das expectativas do grupo pelos pesquisadores, seguiu também o desenvolvimento das estratégias elaboradas por eles para o exercício da resistência a uma situação indesejada. Ela acompanhou também a análise conjunta dos resultados destas na mudança do relacionamento com a Congregação Salesiana. O conteúdo dos encontros promovidos pela equipe gestora do Memorial obedeceu largamente ao que o grupo atuante na implantação desse espaço de memória compreendia como questões importantes, surgidas nos diálogos, nem sempre concordes, que iam delineando as relações entre os participantes desse movimento de resistência e empoderamento.

Os membros da instituição escolar saíram fortalecidos desse processo em decorrência dos resultados alcançados, pois suas estratégias de resistência, pelo menos nesse primeiro momento, foram favoráveis ao interesse de manter a EPDB fiel aos seus propósitos educacionais iniciais. Alunos, funcionários, professores, ex-professores, coordenadores e pais conseguiram assegurar o direito de atuarem como atores sociais participes na luta para terem seus filhos estudando em uma instituição escolar voltada às classes populares de Poços de Caldas.

A organização do Memorial Padre Carlos foi consolidada como resultado de um processo de lutas coletivas que, segundo Simson (2006), podem ser bem sucedidas, se forem sedimentadas em uma mesma bagagem cultural comum. A recuperação da memória de forma compartilhada é um trabalho que constrói sólidas pontes de relacionamento entre os indivíduos nele envolvidos e os leva a enxergar com outra profundidade e clareza seus problemas comuns.

Os envolvidos nesse projeto de pesquisa-ação ao remexerem gavetas, ao tirarem poeira de fotos e de documentos antigos, ao selecionarem os do-

cumentos que deveriam ser priorizados para higienização e catalogação, ao coletarem depoimentos orais e, finalmente, ao organizarem exposições para divulgação da história de lutas passadas e presentes dessa comunidade escolar, repensaram e contextualizaram suas antigas vivências escolares e profissionais. Podemos considerar que o significado dessa experiência conjunta foi permitir a esses sujeitos uma tomada de consciência quanto à importância de suas conquistas e quanto à necessidade de sua manutenção.

As equipes técnicas e de pesquisadores procuraram construir, durante todo o processo investigativo, uma relação de proximidade com os grupos envolvidos nessa luta social para que, junto com os pesquisados, consolidassem uma “comunidade de destino”, como nos aponta Portelli (1997a). Podemos então observar que em um processo investigativo quando objetivos comuns orientam as relações entre os membros dos grupos sociais e os pesquisadores, estabelecendo-se assim um nítido compromisso entre os diferentes segmentos participantes da pesquisa-ação, tem-se como resultado a constituição de um clima de trabalho em que o respeito mútuo impera.

Dessa forma, a partir das reconstruções do passado que foram elaboradas em conjunto através de discussões e análises conjuntas e portanto amplamente compartilhadas, pudemos perceber a elaboração quase natural de argumentos políticos que forneceram aos grupos sociais pesquisados um certo poder, permitindo-lhes não só ganhos em suas lutas sociais, como um sentimento de auto-confiança – o assim denominado processo de empoderamento, resultante de uma relação de confiança e respeito mútuos estabelecida entre pesquisadores e pesquisados. (SIMSON, 2006)

A força política da memória, delineada pelas relações compartilhadas entre os membros dessa comunidade de destino, foi demonstrada pelo sucesso desse movimento de oposição à ameaça de expropriação de uma instituição escolar que havia sido construída e mantida, através de um longo processo de conquistas sócio-políticas, engendrado pelas classes populares da cidade sob a liderança de Padre Carlos e Dona Maria.

Foi esse processo de construção de uma memória compartilhada, tendo em vista o significado que os diferentes tipos de documentos foram tomando, graças aos diálogos construídos entre os muitos atores sociais nele envolvidos, que quase naturalmente os levou a vislumbrar as soluções para os

problemas que o presente da escola apresentava.

Keer (2006) denomina como empoderamento esse processo em que encontros e discussões, ao envolverem diretamente os indivíduos que apresentam necessidades e expectativas comuns, conduzem o grupo a uma tomada de atitudes para minimizar suas dificuldades comuns. No caso da organização do Memorial Padre Carlos, o grupo de pessoas participantes foi se empoderando, ao aprender e dominar as técnicas de conservação, produção e organização do rico acervo documental da escola, ao mesmo tempo em que tomava consciência da importância das propostas educacionais defendidas pela EPDB para suas próprias trajetórias de vida e para a construção da história das classes populares da cidade. [13]

BIBLIOGRAFIA:

ALVISI, Lilian de Cássia. "Memórias de vivências infantis. A Escola Profissional Dom Bosco de Poços de Caldas/MG (1940-1960)". Campinas: Faculdade de Educação/Universidade Estadual de Campinas, 2006 (Dissertação de mestrado).

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

DESROCHE, Henri. "Pesquisa-ação: dos projetos de Autores aos projetos de atores e vice-versa". In: THIOLLENT, Michel (org.). *Pesquisa-Ação e Projeto Cooperativo na Perspectiva de Henri Desroche*. São Carlos: Edufscar, 2006.

DONATELLI, Dante Donato Filho. "O Sentido da Memória". In: *Cidade*, São Paulo, v.3, n.4, pp. 104-108, 1996.

FELGUEIRES, Margarida Louro; SARES, Maria Leonor Barbosa. "O projeto para um museu vivo da escola primária – Concepção e Inventário". In: MENEZES, Maria Cristina (org.). *Educação, Memória, História – Possibilidades e Leituras*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

FERNANDES, Rogério. "A história e os seus registros: o que fazer com este museu?" In: MENEZES, Maria Cristina (org.). *Educação, Memória, História – Possibilidades e Leituras*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

GENTILINI, João Augusto. *Escola Dom Bosco - 50 anos*. Poços de Caldas: Gráfica Dom Bosco, 1997.

13 - Consultar: ALVISI, Lilian de Cássia. "Memórias, resistência e empoderamento: a constituição do Memorial Padre Carlos. Escola Profissional Dom Bosco de Poços de Caldas". Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

JOÃO DO RIO – *Um Escritor entre Duas Cidades*. [s.l.]: Editora Unibanco, Instituto Moreira Salles, 1992.

KERR, Daniel. "We Know What The Problem is: Using Video And Radio Oral History To Develop Collaborative Analysis Of Homelessness". In: PERKS, Robert and THOMSON, Alistair (org.). *The Oral History Reader*. New York: Routledge, 2006.

MELLO, João Manuel Cardoso; NOVAIS, Fernando A. "Capitalismo Tardio e sociabilidade moderna". In: NOVAIS, Fernando A. (org.). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, v. 4, 1998.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, n.10, v.5, pp. 200-215, 1992.

PORTELLI, A. "O que faz a história oral ser diferente". In: *Projeto História*, São Paulo: n. 14. fev., 1997.

_____. "Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade". In: *Projeto História*, São Paulo: n. 15, abr., 1997a

SIMSON, Olga R. Moraes Von. "Memória e identidade sociocultural – Reflexões sobre pesquisa, ética e compromisso". In: PARK, Margareth Brandini (org.). *Formação de Educadores: Memórias, Patrimônio e Meio-ambiente*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

_____. "História oral, memórias compartilhadas e empoderamento: um balanço de experiências de pesquisa". XIV Congresso Internacional de Sidney na Austrália, 2006.

VILANOVA, Mercedes. "Rememoracion em la historia. Historia". In: *Antropología Y Fuentes Orales*, Barcelona, n. 30, Memoria Rerum, 2003.